

Aline da Cruz

(Vrije Universiteit Amsterdam, CAPES)

A grafia das línguas gerais (Tupi) no século XVIII*

ABSTRACT

In 1863, the naturalist Karl Friedrich von Martius (1794 – 1868) published the *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, a collection of lexicographic material about Indigenous languages of Brazil. He included two documents about 18th century general languages (fam. Tupi-Guarani): the Dictionary of General Language of Brazil about the Amazonian language; and the Dictionary of Verbs of South Tupi, concerning to the language spoken in São Paulo Cuiabá and Rio Grande do Sul. For von Martius, the General Language of the North of the country was superior than the one spoken in the South. By comparing the way the phonemes were represented in both dictionaries, I attempt to show that the von Martius ideological opinion was motivated by the fact that the graphic representation of phonemes in Dictionary of South Tupi was completely incoherent.

KEYWORDS: 18th century Tupi; Graphic representation of phonemes; History of Linguistics.

RESUMO

Em 1863, o naturalista Karl Friedrich von Martius (1794 – 1868) publicou os *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, uma coleção de vocabulários e listas de palavras sobre língua indígenas brasileiras. Nesse material, incluiu dois documentos que registravam línguas gerais (fam. Tupi-Guarani) do século XVIII: o *Diccionario da Língua Geral Brasileira*, que registra a língua falada na Amazônia e o *Diccionario de Verbos do Tupi Austral*, que registra a língua que teria sido falada em São Paulo. Para von Martius, a língua geral amazônica era superior àquela falada em São Paulo, Cuiabá e Rio Grande do Sul. A partir da análise comparativa dos critérios de notação utilizados nos dois materiais, esta pesquisa procurou mostrar que as oscilações de representação das unidades lingüísticas no *Diccionario de Verbos* podem ter levado von Martius a manifestar opiniões depreciativas sobre o Tupi Austral em relação à Língua Geral Brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas Gerais (fam. Tupi-Guarani); Critérios de grafia; Historiografia da Lingüística.

* Este artigo sintetiza pesquisa desenvolvida durante o mestrado na Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Cristina Altman (cf. Cruz 20005). Agradeço as pesquisadoras Beatriz Christino (USP; CAPES) e Iris Bachmann (University of Manchester) pelas traduções dos textos em Alemão.
e-mail: a.cruz@let.vu.nl, alinecruz@usp.br

0. INTRODUÇÃO

Em 1863, o naturalista Karl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868) editou e publicou dois documentos anônimos, supostamente do século XVIII, que registrariam línguas gerais faladas no Brasil: o *Diccionario de Verbos: portuguez tupi-austral e alemão* (doravante DV), que registraria o ‘Tupi Austral’ “como ele era falado pelo povo em geral nas províncias do sul do Brasil, nomeadamente em São Paulo, Cuiabá e Rio Grande do Sul” (Martius 1969[1863]: 100, trad. Beatriz Christino)¹; e o *Diccionario da Lingua Geral Brasílica: portuguez e alemão* (doravante DLGB), cujos dados referem-se à língua geral que se desenvolveu na província de Maranhão e Grão-Pará.

Rodrigues (1996) associa o Tupi Austral a uma suposta língua geral paulista. A Língua Geral Brasílica, por sua vez, se desenvolveu no Nheengatú, falada em algumas regiões da Amazônia. Ambas são classificadas na família Tupi-Guarani, sub-grupo III (Rodrigues 1986).

A partir da análise comparativa dos critérios de notação utilizados nos dois materiais, esta pesquisa procurou mostrar que as oscilações de representação das unidades lingüísticas no DV podem ter levado von Martius a manifestar opiniões depreciativas sobre o Tupi Austral em relação à Língua Geral Brasílica.

Este artigo divide-se em três partes. Na primeira, sumarizam-se as idéias de von Martius a respeito das línguas gerais da família Tupi-Guarani. Em seguida, foram levantados os critérios de notação dos sons consonantais e dos sons vocálicos nos dois materiais. A partir da comparação desses critérios, foram feitas algumas considerações acerca do julgamento que essas línguas receberam pelo naturalista.

1. MATERIAL DE ANÁLISE

O DLGB e o DV fazem parte dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, obra de natureza compilatória, organizada por von Martius em 1863.

O DLGB disponibiliza 1.873 verbetes, que ocupam as páginas 31 a 97 dos *Glossaria*. Trata-se de um dicionário trilingüe, com entradas em Língua Geral Brasílica, seguida das versões em Português e em Alemão. Em 1795, uma versão bilíngüe (Língua Geral Brasílica – Português) havia sido publicada em Lisboa pela Imprensa Oficial como *Diccionario portuguez e brasiliano*, editado por Frei Velloso (1742 – 1811).

O DV disponibiliza 970 verbetes entre as páginas 99 a 122 dos GLB. Diferentemente do DLGB, as entradas do DV são em Português, seguidas das versões em Tupi Austral e em Alemão.

¹ Die hier wiedergegebenen Zeitwörter gehören dem Tupi-Dialekte an, wie er vom gemeinem Volke in den südlichen Provinzen Brasiliens, mamentlich in S. Paulo, Cujabá und Rio Grande do Sul gesprochen wurde.

2. O JULGAMENTO DAS LÍNGUAS GERAIS POR VON MARTIUS

Em uma pequena introdução ao DV, von Martius afirmou que o dialeto do sul “reveste-se do caráter de uma geringonça corrompida, construída de uma maneira semelhante a daqueles modos de falar que se apropriam da colorida confusão dos montes de índios, de outras nacionalidades, misturados” (Martius 1969[1863]: 101, trad. Beatriz Christino)².

O termo *Rothwälsch*³, no original em Alemão, ou, ‘geringonça corrompida’, como o próprio von Martius o escreve nos textos em Português, era atribuído em sua obra a línguas caracterizadas pela mistura de “elementos muito diversos e sem regra alguma” e pela volubilidade, ou seja, por uma tendência exacerbada à mudança que acabaria por levá-las à extinção (cf. Cruz & Christino 2005). Tratava-se, portanto, de uma forma extremamente pejorativa de se referir a línguas que estavam em constante contato lingüístico.

Entre os argumentos utilizados por Martius para caracterizar o Tupi Austral como *Rothwälsch*, estaria uma suposta influência do Português:

De fato se ouve ainda, na mais baixa classe do povo, e, nomeadamente entre os sertanejos do interior do país que se ocupam da pecuária, muitas palavras originárias desse dialeto, que **mais e mais se mistura com o difundido português**. (Martius 1969[1863]: 101, trad. Beatriz Christino, ênfase acrescentada)⁴.

Além da interferência do Português, o naturalista considerava que havia no Tupi Austral expressões espanholas e elementos do Guaraní jesuítico. Como se pode observar na citação abaixo, essas características seriam resultado de intercâmbios lingüísticos realizados nas fronteiras entre o Brasil e as regiões que vieram a formar o Paraguai e a Argentina:

Quanto mais perto da fronteira das paisagens argentinas e do Paraguai, mais freqüentemente se misturam expressões espanholas e mais se aproxima o dialeto do verdadeiro Guaraní, como ele outrora foi falado nas Reduções dos Jesuítas, e foi fixado nos escritos de Ant. Ruiz de Montoya (*Tesoro de la Lingua Guaraní*, Madrid, 1639. kl 4 etc.). (Martius 1969[1863]: 100, trad. Beatriz Christino)⁵.

A partir da comparação dos critérios de notação utilizados no DLGB e no DV, este artigo procurou demonstrar que a suposta mistura de elementos do Português, do Espanhol e do Guaraní no chamado Tupi Austral decorra das opções de grafia efetuadas nos documentos. No DV, observam-se uma tendência à escolha de grafemas mais recorrentes na escrita de língua portuguesa e a opções de registro de morfemas, semelhantes àquelas criadas por Montoya (1639) no século XVII para descrição do Guaraní.

² Gemäs dieser quelle trägt auch dieser südliche Dialekt mehr den Charakter eines **Rothwälsch**, in ähnlicher Weise wie jene Sprachweisen gebildet, welche sich die bunt durch einander gemischten Indianerhaufen von anderen Nationalitäten aneignen.

³ O Termo *Rothwälsch* era usado na literatura alemã da época para caracterizar a língua dos ciganos.

⁴ Doch hört man noch immer in der niedrigsten Volksklasse, und namentlich bei den im innem des Landes mit Viehzucht beschäftigten Sertanejos viele aus dieser Mundart stammende Worte, mit dem sich mehr und mehr ausbreitenden Portugiesisch vermischt.

No DLGB, por sua vez, as escolhas de grafia ficaram mais próximas àquelas feitas por Anchieta (1990[1595]) e Figueira (1621) ao descreverem a língua mais usada na costa do Brasil.

3. PROPOSTAS DE RECONSTRUÇÃO FONOLÓGICA

Segundo Rodrigues (1996), o DV é a principal fonte de estudo do Tupi Austral, que ele prefere chamar de ‘língua geral paulista’. Talvez pela escassez de material, o Tupi Austral não tem sido objeto de investigações detalhadas.

A documentação sobre Língua Geral Brasileira é muito mais rica, o que possibilitou o estabelecimento, ainda que provisório, de seu sistema fonológico em diversas fases: Rodrigues (1958) propôs uma análise fonêmica do Tupinambá; Monserrat (2003) reconstruiu a Língua Geral Brasileira do século XVIII, variedade que a autora chamou de Tupi-médio.

Como ainda não há uma proposta segura acerca do sistema fonológico do Tupi Austral, o sistema fonológico da Língua Geral Brasileira, proposta por Monserrat (2003), foi utilizado como parâmetro para análise dos dois materiais:

Consoantes			Vogais Orais			Vogais Nasais		
p	t	k	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	
m	n	ŋ	e		o	ẽ		õ
	s			a			ã	
	r							
w		y						

*Sistema Fonológico da Língua Geral Brasileira do século XVIII*⁶

4. MODOS DE REPRESENTAÇÃO DOS SONS CONSONANTAIS

4.1. A representação da série de oclusivas

A representação das oclusivas /p/ e /t/ não trouxe grandes problemas para os descritores do século XVIII. A representação da oclusiva dorsal /k/, por sua vez, variou bastante nos dois materiais.

/p/

⁵ Je näher den Grenzen der argentinischen Landschaften und Paraguay, um so häufiger mischen sich spanische Ausdrücke ein und nähert sich der Dialekt dem eigentlichen Guarani, wie es ehemals in der Reductionen der jesuiten gesprochen wurde, und in den Schriften von Ant. Ruiz de Montoya (Tesoro de la lengua Guarani, Madrid. 1639. kl. 4^o .u.s.w.) fixirt worden war.

⁶ Monserrat (2003) propõe que a fricativa pós-alveolar [j] seja reconhecida como fonema. Como demonstrado no item 4.3, [j] deve ser interpretado com alofone de /s/ (cf. CRUZ 2006 para mais detalhes).

A oclusiva labial /p/, que ocorria em posição inicial ou intervocálica, foi representada pelo grafema <p> tanto no DLGB quanto no DV. Não houve necessidade de checar a representação da oclusiva labial em coda, porque ela não ocorria nesse contexto:

- (1) **pópor** – *saltar*, springen (DLGB: 83)⁷
 saltar – *opô*, tanzen (DV: 120).

/t/

A representação da oclusiva coronal também foi uniforme nos dois materiais, ocorrendo como <t> em posição inicial e em intervocálica:

- (2) **tomunhéng** – *assobiar*, pfeifen (DLGB: 91)
 parir – *moncem táyúra*, gebären (DV: 115)
cetúna – *cheirar*, *tomar o cheiro*, riechen, Geruch annehmen (DLGB: 41)
 cheirar – *centun*, riechen. (DV: 104).

/k/

A representação da oclusiva dorsal /k/ foi um pouco mais complexa, refletindo a própria grafia do português. Diante das vogais /a, o, u/, prevaleceu o grafema <c>:

- (3) <ca> **jucá** (*ajuca*) – *matar*, tödten (DLGB: 59)
 <ca> matar – *yucá*, tödten (DV: 114)
 <co> **aicobê** – *viver*, *ha*, leben, es ist. (DLGB: 33)
 <co> viver – *aicovê*, leben (DV: 122)
 <cu> [oicó] **pecú** – *deter-se*, *entreter-se*, *tardar*, *durar*, [...] (DLGB: 76)
 <cu> lavar – *yacua*, waschen (DV: 113).

Se diante das vogais /a, o, u/ houve concordância entre os dois materiais, diante de vogais médias, verificou-se o emprego de estratégias diversificadas. Na edição do DLGB usou-se o grafema <k>, o que sugere um maior conhecimento da tradição de descrição das línguas indígenas do período colonial – tanto Anchieta (1990[1595]) quanto Figueira (1621) usam o grafema <k> para representar a oclusiva dorsal⁸. A edição do DV, por sua vez, apoiou-se na grafia da língua portuguesa, privilegiando a representação da oclusiva dorsal pelo dígrafo <qu>, embora também ocorra a grafia <k>. Compare, por exemplo, a representação do verbo “dormir” no DLGB e no DV:

- (4) **okér/ker** ~ **querá**
 (DLGB / DLGB ~ DV).

⁷ Como este artigo focaliza os critérios de notação, preservaram-se nos exemplos os próprios verbetes dos materiais analisados.

Diferentemente das oclusivas labial e coronal, a dorsal ocorria em posição final, apesar de estar em vias de desaparecimento (cf. Rodrigues 1996; Monserrat 2003; Cruz 2005). Nos poucos casos em que a oclusiva dorsal ainda aparecia em posição de coda final, foi representada no DLGB pelo grafema <c>, como mostram os dados em (5):

- (5) <c># motác – *bater, rebater, schlagen, zurückschlagen* (DLGB: 72)
<c># carúc – *urinar, pissen* (DLGB: 38).

Quanto ao DV, a multiplicidade de estratégias para representar a oclusiva dorsal em posição final sugere que o descritor não estava muito certo se deveria ou não indicar uma vogal epentética. Assim, a representação da oclusiva dorsal em posição final oscila entre <ki>, <k> e <que>:

- (6) <ki># affundir – *anboyki, versenken* (DV: 102)
<k># afogar n'água – *oyopuk, ertrinken* (DV: 102)
<que># ourinar – *carúque, [pissen]* (DV: 115)⁹.

4.2. A representação da série de nasais e os contornos

A oposição de uma série de consoantes oclusivas surdas a uma série de consoantes nasais, sem que haja uma série de oclusivas sonoras, correlaciona-se à realização de contornos nasais [^mb, ⁿd, ^ŋg] (cf. Wetzels 1995), o que de fato ocorria na Língua Geral Brasileira e no Tupi Austral. Como bem notou Mattoso Câmara (1979[1965]), esses segmentos complexos trouxeram dificuldades para os missionários e viajantes que se propuseram a documentar línguas Tupis, a partir do século XVI.

Em posição inicial, o DLGB privilegiou as grafias <m>, <n> e <nh> para as consoantes nasais /m, n, ŋ /.

- (7) **maém** – *attentar, olhar, ansehen, erwägen* (DLGB: 61).
nanho (nanhoranhé) – *basta, genug* (DLGB: 73).
nheém nheéng – *arrezoar, palrar, porfiar, [...] streiten* (DLGB: 73).

Entretanto, é possível que esses grafemas omitam a realização dos contornos nasais [^mb, ⁿd, ^ŋg]. No DLGB, foram registrados cinco vocábulos com a grafia <mb>, dois com a grafia <nd>, um com a grafia <nb> em posição inicial e não há registro sobre um possível contorno com articulação dorsal:

- (8) Representação de contorno no DLGB

<mb> **mbaacy** – *adoecer, erkranken*. (DLGB: 62)

⁸ Figueira (1621) usa o grafema <k> apenas diante de vogais médias, preferindo <c> diante das vogais /a, o, u /

⁹ Von Martius não colocou a versão em alemão desse vocábulo.

- mbaacybóra** – *doente*, krank (DLGB: 62)
mbaacyçába – *doença*, Krankheit (DLGB: 62)
mbae – *cousa*, Sache. (DLGB: 62)
mboî boî – *jarretar*, Kniekehle (DLGB: 63)
 <nd> **ndaerojaî** – *e nem por isso*, selbst darum nicht. (DLGB: 73)
nde – *tu*, du (DLGB: 73)
 <nb> **nbaé** – *teu, tua*, deine (Sache). (DLGB: 73).

A forma <nb> parece resultar de falha de edição, uma vez que o vocábulo *nbaé* é registrado após o vocábulo *nde*, desrespeitando a ordem alfabética utilizada no dicionário.

No DV, também são poucos os vocábulos, em que contornos nasais são representados pelos grafemas <mb>, <nd>, <nb>:

(9) Representação de contorno no DV

- <mb> *cativar* – **mbiguaya**, gefangen nehmen. (DV: 104)
 <nb> *adoecer* – **nbaraâ**, erkranken. (DV: 102)
 <nd> *abuzar* – **ndoxereroviai**, missbrauchen (DV: 101).

Em geral, em posição inicial, no DV, privilegiaram-se as grafias , <d> e <g>, que possivelmente tinham pronúncia tanto como oclusiva sonora quanto como contorno nasal. Em (10), foram levantados alguns exemplos:

- (10)
 meter huma couza dentro d’outra – **bôique baê ambôáé**, [...] (DV: 114)
 <d> *madregar* – **docôé retê**, [...]. (DV: 113)
 <g> *desembarcar* – **ancen gará pupe**, aussschiffen, (sahir de dentro da embarcação, [...]) (DV: 108).

A representação da consoante inicial como oclusiva sonora ocorria também na representação do morfema causativo. No documento sobre a Língua Geral Brasílica, o morfema causativo foi representado como ‘mo-’. Já no documento sobre o Tupi Austral, o morfema causativo foi registrado como ‘bo-’. A comparação entre os vocábulos que foram traduzidos por “brincar” no DLGB e no DV permite verificar essa distinção:

- (11) mo → bo
jemoçárai¹⁰ → **boçarae**
 (DLGB) → (DV).

Também em relação ao morfema de negação, é possível notar a preferência pela grafia como nasal no DLGB e como oclusiva sonora no DV. Neste, ocorre variação entre os grafemas <nd> e <d>; naquele, entre os grafemas <nb> e <n>:

(12a) Língua Geral Brasílica: n ~ nd

<n> napóei – *não longe*, nicht weit. (DLGB: 73)

<nd> ndaerójai – *e nem por isso*, [...]. (DLGB: 73).

(12b) Tupi Austral: nd ~ d

<nd> abominar – *ndaroviar - neg.*, [...] (DV: 101).

<d> contradizer – *daicô-enheenga*, widersprechen, (*naô estou no que me diz*, [...]) (DV: 105).

No DV não houve uma tentativa de distinguir a nasal coronal /n/ da nasal dorsal /ŋ/, como se observa pela comparação de vocábulos cognatos para “falar” (13a) e “dar” (13b):

(13a) **nheéng** ~ **nhêén**
(DLGB ~ DV).

(13b) **meéng** ~ **meen**
(DLGB ~ DV).

Não se trata apenas de anular a oposição no DV, mas provavelmente de uma grande dificuldade em registrar a nasal dorsal, como se percebe pelo levantamento das expressões em que diversas grafias são apresentadas para o vocábulo *nhêén*:

(14)

<n> fallar – **nhêén**, sprechen. (DV_{xviii}: 111)

<ng> dizer – **nheeng**, sagen. (DV_{xviii}: 109)

<e> conversar – **nhe monguêta**, sich unterhalten (DV_{xviii}: 106)

<n> descompor a alguém com palavras – **nhéen áij**, Jemanden mit Worten beleidigen. (DV_{xviii}: 107)

<ê> diffamar – **nhêê ôpácatu**, verläumdnen, in üblen Ruf bringen. (DV_{xviii}: 109)

<m> enganar – *do yapoi bae **nheem***, betrügen, (*não fazer coisa que fala, nich thun die Sache, die er sagt*).

<é> infamar – **nhéé áy ambôaé**, verleumden. (DV_{xviii}: 112)

<n> justificar – **nhéen rêtê**, rechtfertigen (DV_{xviii}: 113)

<m> patentear – **nheém ambôaé**, eröffnen. (DV_{xviii}: 115).

Observando apenas as formas em que o vocábulo ocorre sem a incorporação de morfemas, percebe-se uma grafia diferente para cada registro, variando a representação da vogal— <êé>, <ee>, <e>, <eé>, <êe>, <eê>, <eé>— e a da nasal dorsal: <n>, <ng>, <m> e até a sua omissão. É interessante notar que no DV parece ter havido uma tentativa de estabelecer no Tupi Austral oposições semânticas próprias do Português, ao grafar diferentemente “falar”, *nhêén*, e “dizer”, *nheeng*.

¹⁰ A forma ‘je-’ registrada no DLGB é um morfema pessoal, que não foi registrado no verbete correspondente a “brincar” do DV

4.3. Uma ou duas fricativas?

No Tupinambá, a fricativa coronal /s/ se realizava tanto como alveolar [s], caracterizada pelo traço [+ anterior], quanto como pós-alveolar [ʃ], caracterizada como [- anterior]. Ao analisar a variedade moderna, Nheengatú, Borges (1991) observou que as fricativas coronais passaram a funcionar como fonemas distintos, ou seja, o traço [± anterior] passou a distinguir a fricativa alveolar /s/, da fricativa pós-alveolar /ʃ/.

Segundo Monserrat (2003: 193), a distinção entre /s/ e /ʃ/ já estaria ativa na Língua Geral Brasileira do século XVIII. Entretanto, a autora dispõe de apenas um par análogo como evidência: *caiçara* /kaisara/ “arraial” e *sobaixara* /sowaiʃara/ “contrário”. Levando em consideração as possíveis inconsistências na grafia dos dados coletados no século XVIII, esse contraste não parece ser suficiente para a afirmação de que [ʃ] já se constituísse como um fonema da Língua Geral Brasileira. Mesmo que se confie plenamente nos documentos, pode-se entender o contraste *caiçara* e *sobaixara* como amostra de variação.

[ʃ]

No DLGB, a fricativa coronal pós-alveolar [ʃ] pode ser identificada pelo grafema <x>, como se observa nos dados em (15):

(15a)

cemó **ixupé** – *ocorrer ao encontro*, entgegenlaufen. (DLGB: 40)
 çoba**ixára** – *opór, de frente, obstáculo, metade, banda, lado, [...]* (DLGB: 46).
 corai oáne **ixuí** – *aborrecer-se de algũa cousa, [...]* (DLGB: 42)
 itýe **ixupé** – *imputar culpa*, Schuld zurechnen. (DLGB: 53)
 jap**ixáo** – *acutilar*, mit Hieben verwunden. (DLGB: 54)
 jemomoxí – *envergonhar-se*, sich schämen (DLGB: 57)
 mixíre – *assar*, bruten. (DLGB: 64)
 moapy**xaím** – *encrespar*, kräussln (DLGB: 65).
 mojap**ixaim** – *encrespar*, kräussln (DLGB: 68)
 mopy**xúne** – *tingir de preto*, schwarz färben. (DLGB: 71)
 pixáme – *beliscar*, mit den Nägeln kneifen, zwacken (DLGB: 82).
 pyxíb – *untar*, schmieren (DLGB: 86).

(15b)

moxovi (port.) – *fechar com chave*, aferrolhar, [...] (DLGB: 72).
 xavi (port) – *chave*, fechadura (DLGB:95)

(15c)

xemocanhémo – *enfeitar*, putzen (DLGB: 95).

Observe que, nos dados em (15a), a fricativa coronal pós-alveolar [ʃ] ocorre sempre em ambiente de vogal [+ alta], [- anterior], representada por <i> ou <y>. As exceções em (15b) derivam do vocábulo “chave” do Português — são, portanto, casos de empréstimo.

Cabe ainda questionar a presença da fricativa coronal pós-alveolar em (15c). A forma ‘xe-’ é um morfema de primeira pessoa do caso estativo que deriva do pronome livre ‘ixé’. Na formação desse morfema, a vogal inicial /i/ foi apagada, entretanto, o traço [- anterior] que estaria provocando a realização pós-alveolar do fonema /s/, teria resistido ao apagamento da vogal para a formação do morfema *xe-*. Nesta interpretação, o nó de ponto de articulação da vogal ficaria flutuando e seria associado à consoante fricativa de modo a ser realizado foneticamente. O caráter de fricativa coronal pós-alveolar do morfema *xe-* é reforçado pelo fato da representação do morfema de primeira pessoa estativa oscilar no DLGB entre *xe-* e *je-*:

(16) ixé (je) – *eu*, *ich*. (DLGB: 53).

O mesmo procedimento de levantamento de vocábulos grafados com <x> foi realizado no DV, o que nos levou a um resultado muito semelhante. Há uma tendência ao uso de <x> em ambiente próximo a vogais [+alta], [- anterior] (17a), ocorrendo apenas uma exceção, *xá*, em (17b).

(17a)

amarrar – *apunxy*, *festbinden*. (DV: 102)

amolar – *oipixu*, *wetzen*, *schleifen*. (DV: 102)

apertar – *apoxinverá*, *zusammenziehen* (DV: 102)

atirar com frexas – *arapi-ura-xirica*, *mit Pfeilen schießen*, (*atirei com vara fina*, *ich habe geschossen mit dünnem Stock*). (DV: 103)

contentar – *xiputarepe oicó*

envergonhar – *moonxin*, *beschämen*. (DV: 110)

escarrar – *acecun poxia ambu*, *ausspucken*. (DV: 110)

sacrificar – *ameein xipuâ tupan*, *opfern*, (*dar o coração a deos*, [...]). (DV: 120).

(17b)

experimentalizar – *cê xá*, *versuchen*, *Probe machen*. (DV: 111)

notar – *anheé xupé*, *bezeichnen* (DV: 114).

No DV, a fricativa coronal pós-alveolar também ocorre juntamente com o morfema de primeira pessoa do caso estativo, grafado ora como *xe*, ora como *che*. Observe essa oscilação nos exemplos em (18):

(18)

<xe> apontar com o dedo – *xecoveem*, *mit dem Finger zeigen* (DV: 102)

<xe> apoderar-se – *oin xe pope*, *sich bemächtigen*, (*esta nas minhas mãos*, *es ist in meinen Händen*). (DV: 102)

<che> contemplar – *cheánga oicó mamu*, *betrachten*, (*meu sentido anda virando*, *mein Sinn geht hin und her*) (DV: 105)

<che> desconfiar – *che yaí*, *misstrauen*, (*eu estou desconfiado*, *ich bin misstrauisch*.)

- (DV: 107)
- <chê> preferir – *chê momôrá vé ambôaé*, vorziehen, (*ser melhor do que o outro*, *esser als das Andre seyn*) (DV: 116)
- <chê> prezar-se d'alguma couza – *chê rêrú etê amombâê rêcê*, sich einer Sache rühmen, (*me alegre de alguma couza*, [...]) (DV: 116)
- <chebo> [puxar] para si – *acecuí chébo*, an sich ziehen. (DV: 117)
- <chê> testemunhar – *chêrenôin bonhêenga*, bezeugen, (*chamar para fallar*, *rufen um zu reden*). (DV: 121).

A oscilação entre as grafias <xe> e <che> para o marcador de primeira pessoa no DV pode resultar de uma interferência do padrão de escrita usado no Guarani, em que desde Montoya (1994[1640]) privilegiou-se a forma <che> (cf. Gimenes 2005).

Tendo em vista os documentos sobre a Língua Geral Brasileira e sobre o Tupi Austral analisados neste artigo, não é possível confirmar a análise de Monserrat (2003) de que no século XVIII, o chamado Tupi médio já distinguia fonologicamente uma fricativa coronal alveolar /s/ de uma fricativa coronal pós-alveolar /ʃ/. Pelo contrário, na Língua Geral Brasileira e no Tupi Austral /s/ realizava-se como [ʃ] em ambiente de vogal vogais [+alta], [– anterior] e como [s] nos demais contextos. No DLGB, observa-se a representação do fone [ʃ] pelo grafema <x>. O mesmo ocorre no DV, exceto em relação ao morfema de primeira pessoa do caso estativo, cuja grafia oscilava entre <xe> e <che>.

[s]

No DLGB, a fricativa coronal /s/ com realização alveolar [s] foi representada consistentemente como <ç> diante de /a/, /o/, /u/, e como <c> diante das vogais médias:

(19)

- <ça> emoçarai – *brincar, jogar*, scherzen, spielen. (DLGB: 56)
- <ço> oço – *ir, ausentar*, gehen, sich entfernen. (DLGB: 75)
- <çu> çauçú – *amar, estimar*, lieben, schätzen (DLGB: 46)
- <cy> jemaácy – *fome, ter fome*, Hunger; hungern (DLGB: 56)
- <ce> cetúna – *cheirar, tomar o cheiro* [...] (DLGB: 41).

O grafema <s> só aparece no dicionário para registrar empréstimos do Português. Observe, por exemplo, a parte dedicada ao 'S' no DLGB:

(20)

S. vide Ç

sabarú (port.) – *sábado*, Samstag, Sabbath.

saca (port.) – *alforge*, Reisesack, Quersack.

sae (conjunct.) – *se*, wenn.

– oaraneýma – *se a caso*, wenn etwa.

– nitio – *se não*, wenn nicht.

saguim (sagoin) – *esp. de macaco*, Callithrix

santo rerú (port. †) – *andor*, Tragbahre.

- sáya (port.) – *saya*, Unterrock, Schürze der Weiber.
 – membýra – *refego da saya*, Faltennaht am Unterrock.
 sorára (port.) – *soldado*, Soldat.
 – etá pycyronçára – *assalto dos soldados*, Angriff, Ueberfall der Soldaten.
 (DLGB:86–87).

No DV, a notação da fricativa coronal alveolar foi completamente inconsistente. Diante da vogal /a/, por exemplo, observa-se a oscilação entre os grafemas <s> ou <ç>:

- (21) <sa> doer – *bosasú*, schmerzen. (DV: 109)
 <sa> esperar – *ôsárâ*, hoffen. (*oxalá* port.?) (DV: 111)
 <ça> rezar – *ôçáá tupá nheém*, beten. (DV: 119)
 <ça> ver – *ceçá*, cepijaca, schen (DV: 122).

Percebe-se uma tendência a representar /s/ diante de vogal média pelo grafema <c>, como ocorre na grafia do Português:

- (22) <ce> assobiar – *boicenim*, pfeifen (DV: 103)
 <ce> chamar – *cenôin, acenoi*, rufen. (DV: 104)
 <céi> dançar – *poracéi*, tanzen. (DV: 106)
 <cê> mostrar – *cêcôvêem*, zeigen. (DV: 114).

Esse padrão, no entanto, é violado, criando novos sentidos:

- (23) <sse> escutar – *assendú*, anhören (DV: 111)
 <ce> ouvir – *acendúb*, hören (DV: 115)
 <ce> sentir – *acendú*, [...] (sinto gente – *acendú avá*, [...]). (DV: 120).

Nos dados em (23), as formas *assendú*, *acendúb* e *acendú* parecem ser apenas variações de grafia de um mesmo vocábulo, de modo que as diferenças semânticas atribuídas a elas podem ser consideradas como invenções do dicionarista. Ou talvez, seja resultado apenas de inconsistência nos critérios de notação. A mesma explicação pode ser dada para a distinção entre “brincar” e “divertir-se” no DV:

- (24) <ça> brincar – *boçarae*, spielen (DV: 104)
 <ssa> divertir-se – *bossarái*, sich vergnügen. (DV: 109).

4.4. A vibrante

Nos dois materiais, o fonema /r/ é representado pelo grafema <r> em qualquer dos contextos em que ocorra, como se pode observar no quadro comparativo abaixo. Na primeira coluna, registrou-se o termo em Português. Em seguida, foram disponibilizados os dados registrados no DLGB e no DV:

Português	DLGB	DV
saltar	popór	opô
subir	jeupir	yúpi
cantar	nheegár	nheegá
casar	mendár	mendâ
urinar	carúc	carúque
dançar	poracé	poracéi
querer	potár	eipotá

Quadro I: Comparação da representação da vibrante no DLGB e no DV.

Observa-se que, enquanto em muitos verbos da Língua Geral Brasílica ocorre /r/ em posição final, as formas cognatas registradas no DV não possuem a vibrante. De fato, Anchieta (1990[1595], cap. I, p. 2), havia alertado que os tupis de São Vicente, ou seja, a região em que teria se desenvolvido o Tupi Austral, “nunca pronunciam a última consoante no verbo afirmativo”. Essa tendência da língua falada no XVI parece ter se cristalizado no século XVIII, haja vista que o único verbo em que o DV registrou um <r> final estava na forma negativa:

(25) abominar – *ndaroviar* - *neg.*, *verwünschen* (DV: 101).

4.5. As semi-vogais

Há duas semi-vogais no sistema previsto por Monserrat (2003: 188) /y/ e /w/. No DLGB, o fonema /w/ é representado como entre vogais, já no DV, apresenta-se como <v>, como se pode perceber comparando os cognatos para o verbo “viver”:

(26) aicobê ~ aicovê
DLGB ~ DV.

Os grafemas e <v> fazem referência a um fonema fricativo bilabial /β/, que existia no Tupinambá, e que teria se transformando na semi-vogal /w/ na língua geral (cf. Rodrigues 1988). O caráter de semi-vogal assumido pelo fonema no século XVIII é formas cognatas para “amar” no DLGB e no DV¹¹:

(27) çauçúb ~ acauçub
DLGB ~ DV

Quando à semi-vogal /j/, os dois materiais concordam em sua representação como <j> diante de vogal. Compare, por exemplo, os cognatos para “descer” no DLGB e no DV, respectivamente ¹²:

- (28) mogejýb ~ uêjú
DLGB ~ DV.

Embora use o grafema <j> em algumas palavras, no DV, a semi-vogal /j/ é preferencialmente registrada como <y>:

- (29) <ya> chorar — *yacioi*, weinen (DV: 104)
<ya> lavar — *yacuía*, waschen (DV: 113)
<ya> matar — *yucá*, tödten (DV: 114)
<ya> parir — *moncem táyúra*, gebären (DV: 115).

Nos contextos CVj e #Vj, a representação da semi-vogal privilegiada nos dois materiais é <i>, embora no DV, essa semi-vogal também ocorra como <e>:

DLGB		DV	
português	língua Geral Brasilica	português	tupi austral
chamar	cenói	chamar	cenôin
brincar, jogar	jemoçarái	brincar diverti-se	boçarae bossarái
dançar	poracé	dançar	poracéi
ser, estar, jazer, resistir	oicó	estar morar	oím óicó

Quadro 11: Compação da representação do ditongo Vj.

5. MODO DE REPRESENTAÇÃO DOS SONS VOCÁLICOS

Nenhum dos dois materiais apresentou uma estratégia clara de representação das vogais nasais, por isso esta pesquisa focalizou apenas as vogais orais. Muito provavelmente, a vogal nasal era indicada pelo uso de consoante nasal após a vogal, como se pode inferir da seguinte afirmação de von Martius em relação aos dados registrados no DLGB:

Muito parecido é o som de a ao final de uma palavra em que se põe a virgula (til). (É por isso que existem as duas grafias de Tupán e Tupã, Deus). (Martius 1969[1863]: 29, trad. Iris Bachmann)¹³.

¹¹ No DV, o verbo *çaucub* foi registrado com o morfema de primeira pessoa do caso ativo, ‘a-’.

¹² No DLGB, o verbo “descer” foi traduzido por um verbo com morfema causativo *mogejýb*. Já no DV, privilegiou-se a forma sem morfema causativo.

¹³ Ganz ähnlich lautet das a am Ende eines Worts, auf welches die Virgula (Til) gesetzt wird. (Deshalb die beiden Schreibarten Tupán und Tupá, Gott).

5.1. As vogais orais

No DLGB, foram utilizados os grafemas <a>, <e>, <i>, <y>, <o> e <u> para registrar as vogais orais da Língua Geral Brasileira. Todos esses grafemas são encontrados em posição de núcleo silábico, de modo que se pode inferir que eles de fato representavam os fonemas /a/, /e/, /i/, /ɨ/, /o/ e /u/, respectivamente, como se pode observar nos dados abaixo:

- (30) <a>, <ú> **carúc** – *urinar*, pissen. (DLGB: 38)
 <i> **japixá** – *ferir*, schlagen, treffen (DLGB: 54)
 <o>, <e>, <y> **mogejýb** – *fazer descer alguém* [...]. (DLGB: 67).

No DV é possível distinguir cinco vogais em núcleo silábico, /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, grafadas como <a>, <e>, <i>, <o>, <u>:

- (31) <a>, <u> amar – *açauçub*, lieben (DV: 102)
 <i>, <o>, <e> ferir – *imbó pêré*, verwunden (DV: 111).

Isso não quer dizer que o fonema central não-arredondado, /i/, não ocorresse em Tupi Austral. Para descrever sons inexistentes na língua europeia que lhe serviu de parâmetro, os estudiosos podiam utilizar as mais diferentes estratégias. No DLGB, grafou-se fonema /i/ pelo grafema <y>, descrito por Martius como um som entre /i/ e /u/:

Y, uma gutural, entre i e u, é mais próximo do ü alemão, mas se produz mais virando a língua para baixo mais que com os lábios formando um bico, e sempre com uma grande aspiração e com pouca sonoridade. (Martius 1969[1863]: 30, trad. Iris Bachmann)¹⁴

No DV, mais influenciado pela grafia do Português, optou-se por utilizar apenas cinco grafemas para representar as vogais: <a>, <e>, <i>, <o>, <u>. Para reconhecer qual grafema pode ter sido usado para descrever o fonema /i/, buscou-se formas que, no DLGB apresentavam o grafema <y>, e, cujos cognatos foram registrados no DV:

Português	DGLB	DV
descer	mogejýb	úêjú
humidecer	moakýme	môácún
sentar	oapýca	oapûca

Quadro III: Cognatos de vocábulos grafados no DLGB com <y> em relação ao DV.

¹⁴ Y, ein Guttural-laut, zwischen i und u, kommt deutschen ü am nächsten, wird jedoch mehr durch die Beugung der Zungenspitze nach Unten, als durch vorgeschobene Lippen gebildet und stets mit einer dumpfen Aspiration ausgesprochen.

Observa-se no quadro acima, que vocábulos grafados com <y> no DLGB tinham formas cognatas no DV grafadas por <u> acompanhado de diacrítico. Portanto, é razoável inferir que no Tupi Austral, havia um sistema de seis vogais orais e que a representação da vogal /i/ se dava pelo uso de algum diacrítico – (˘) ou (^) no grafema <u>.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Von Martius via de forma bastante diferenciada a Língua Geral Brasileira e o Tupi Austral, apesar do parentesco entre as duas línguas. A primeira era considerada mais pura e refinada, por isso propôs “a difusão da língua geral Brasileira entre todos os Índios”. A segunda, por sua vez, foi chamada de Rothwälsch ou ‘geringonça corrompida’, porque o naturalista a considerava como uma mistura de elementos do Português, do Guarani e do Espanhol.

A análise comparativa entre o DLGB e o DV exposta neste artigo permite afirmar que a suposta influência do Português no Tupi Austral resultou dos critérios de notação utilizados nos dois materiais. No DLGB, observa-se uma adequação aos padrões de grafia usados por Figueira (1621): a representação da oclusiva dorsal pelo grafema <k> diante de vogais médias e de <c> diante das vogais /a, o, u/; a grafia do morfema de primeira pessoa estativa como <xe>, o uso de seis grafemas para representar as vogais orais, e a representação do causativo como ‘mo-’.

No DV, as opções de registro ficaram mais próximas à grafia do Português, de modo que foram utilizados apenas cinco grafemas para representar as seis vogais orais, a oclusiva dorsal diante de vogais médias foi representada pelo dígrafo <qu>. A mistura de elementos que von Martius atribui ao Tupi Austral também pode resultar de uma análise equivocada das inconsistências nas opções de notação do DV, por exemplo, a oscilação entre os grafemas <m>, <n>, <ng> para representar a nasal dorsal /ŋ/.

Mais relevante é a oscilação entre as grafias *xe* e *che* para o morfema de primeira pessoa estativa. A primeira forma, *xe*, é comum nos documentos produzidos na América Portuguesa desde Anchieta (1990[1595]); a segunda, por sua vez, está ligada aos estudos do Guarani, iniciada por Montoya (1640). Essa inconsistência sugere que o autor do DV pode ter tido contato com documentos produzidos nas duas tradições — o que é muito diferente de uma ‘mistura’ de elementos gramaticais.

O quadro abaixo sintetiza as principais diferenças entre os dois materiais, que poderiam ter levado a um julgamento do Tupi Austral como inferior à Língua Geral Brasileira.

Elemento Representado	DGLB	DV
Vogais	6 grafemas	5 grafemas
Oclusiva Dorsal /k/	<c>/_ a, o, u <k>/_ e, i, i;	<c>/_ a, o, u <qu>/_ demais ambientes
Nasal Dorsal	<ng>	<m>, <ng>, <n>, ausência
Morfema de 1p. estativo	<xe>	<xe>, <che>, <cê>
Causativo	<mo>	<nbo>, <bo>

Quadro IV: Cognatos de vocábulos grafados no DLGB com <y> em relação ao DV.

Procurou-se com esta análise alertar o pesquisador do presente que o cuidado / descuido com que se faz uma descrição lingüística pode alterar para o bem ou para o mal, a visão que a sociedade tem sobre os falantes da língua descrita. As inconsistências de descrição do dicionário do século XVIII levaram o comentarista do século XIX a ter uma visão depreciativa do Tupi Austral. Será que nossas descrições modernas não correm o mesmo risco?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANCHIETA, Pe. José de. (1990[1595]). *Artes de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil*. São Paulo: Loyola. (1a. ed. Coimbra: Antônio Mariz, 1595).
- BORGES, Luís C. (1991). *A língua geral amazônica: aspectos de uma fonêmica*. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: UNICAMP.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. (1965). *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- CRUZ, Aline. (2006). O estatuto de [s] e [j] na Língua Geral Brasileira. [Comunicação de Pesquisa] IX Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Lingüística da USP. São Paulo: Departamento de Lingüística – USP.
- _____. (2005). *O Resgate da Língua Geral — Modos de Representação e Segmentação da Língua Geral Brasileira e do Tupi Austral na obra de Martius (1794 – 1868)*. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: Departamento de Lingüística – USP.
- _____. & CHRISTINO. (2005) Beatriz. O contato lingüístico para Martius (1794-1868), Steinen (1855-1929) e Ehrenreich (1855-1914). *Papia* 15: 102-110.
- FIGUEIRA, Luís. (1621). *Arte da Língua Brasileira*. Lisboa: Manuel da Silva.
- GIMENES, Luciana. (2005). Marcadores de Pessoa em documentos do Guarani do século XVII. *Seminário do Grupo de Estudos em Historiografia da Lingüística*. São Paulo: CEDOCH – DL / USP (ms. inédito).
- MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. (1969[1863]). *Glossários de diversas lingoas e dialectos, que fallao os índios no imperio do Brazil. Wörtersammlung brasilianischer Sprachen*. Wiesbaden: Martin Sandig.
- MONSERRAT, Ruth. (2003). O tupi do século XVIII (tupi-médio). José Ribamar Bessa Freire & Maria Carlota Rosa (orgs.). 2003. *Língua Gerais — Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*, pp. 185-194. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. (1993 [1640]). *Arte de la lengua guaraní*. [Edição fac similar. Transcrição por Antonio Caballos. Introdução por Bartomeu Melià]. Asunción: CEPAG.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. (1996). As línguas gerais sul-americanas. *Papia* 4.2: 6–18. (Disponível em http://www.unb.br/ilali/publicacoes/publ_002.html).
- _____. 1986. *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola.
- WETZELS, Leo. (1995). Estrutura Silábica e Contornos Nasais em Kaingáng. *Estudos Fonológicos das línguas indígenas brasileiras*, pp. 265-296. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

Recebido 25/04/2007
Versão corrigida: 30/08/2007
Aceito: 04/03/2008